

História (e cantiga) de pescador: trabalhadores da água e do sol em Manguinhos

Historia (y canción) del pescador: trabajadores del agua y el sol en Manguinhos

Fisherman's story (and song): water and sun workers in Manguinhos

Lara Sartorio Gonçalves¹

Resumo: O presente ensaio não pretende realizar uma abordagem geral sobre a pesca e o congo na Vila de Manguinhos, mas sim transitar de modo sensível pelas lembranças de alguns pescadores ali nascidos, bem como pelas imagens que pude captar, que demonstram continuidade, ainda que nos limites da pandemia de Covid-19. A memória, transmissão de cultura e de saberes pesqueiros, em sua dimensão de oralidade, não podem ser desvinculadas das relações da vida cotidiana e das atividades produtivas, aqui mobilizadas em imagens. Por isso, as lembranças e também esquecimentos de Clenaldo, pescador-guardião de saberes localizados, tornaram-se elementar para representar na escrita o que os registros fotográficos apresentam.

Palavras-chave: Pescadores; Trabalhadores da água e sol; Manguinhos; Espírito Santo; Covid-19.

Abstract: The present essay does not intend to carry out a general approach on fishing and “congo” in Vila de Manguinhos, but rather to move sensitively through the memories of some fishermen born there, as well as through the images that I was able to capture, which show continuity, even at the limits of the Covid-19 pandemic. Memory, transmission of culture and fishing knowledge, in their dimension of orality, cannot be disconnected from the relations of everyday life and productive activities, mobilized here in images. For this reason, the memories and also the forgetfulness of Clenaldo, fisherman-guardian of localized knowledge, became elementary to represent in writing what the photographic records present.

Keywords: Fishermen; Water and sun workers; Manguinhos; Espírito Santo; Covid-19.

Resumen: El presente ensayo no pretende realizar una aproximación general a la pesca y el congo

¹ Doutoranda e mestre em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP/UERJ) e pesquisadora do NETSAL (IESP). Bacharel em Ciência Política (UNIRIO) e graduanda em Direito pela mesma instituição. Co-fundadora do Observatório de Movimentos Sociais na América Latina (NETSAL). E-mail: larasartorio@hotmail.com. Orcid: 0000-0002-3991-1173

en Vila de Manguinhos, sino más bien transitar con sensibilidad a través de la memoria de unos pescadores nacidos allí, así como a través de las imágenes que pude captar, que demuestran continuidad, incluso en los límites. de la pandemia de Covid-19. La memoria, la transmisión de la cultura y el saber pesquero, en su dimensión de oralidad, no se puede desvincular de las relaciones de la vida cotidiana y las actividades productivas, aquí movilizadas en imágenes. Por ello, los recuerdos y también el olvido de Clenaldo, pescador-guardián del conocimiento localizado, se tornaron elementales para representar por escrito lo que presentan los registros fotográficos.

Palabras llave: Pescadores; Trabajadores del agua y del sol; Manguinhos; Espírito Santo; COVID-19.

1. Apresentação

Helena Carvalho Coelho²

A Lara Sartorio é Doutoranda e mestre em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP/UERJ) e encontra-se em isolamento social em Manguinhos, em uma conversa que tivemos, a autora despertou o desejo de registrar a representação da realidade local por meio de fotografias. Manguinhos é uma praia localizada no município da Serra no Espírito Santo, famosa pela pesca e por ser uma vila de pescadores.

A pesca é uma atividade que exige estar “fora de casa”. Como estão os trabalhadores locais? Quem são essas pessoas? É com um olhar generoso e crítico que a Lara traz um pouco dessas histórias por meio desse dossiê de fotos.

2. História (e cantiga) de pescador: trabalhadores da água e do sol em Manguinhos

*ô pescador
Já foi pro mar
E a sua rede
Já foi buscar
No mar, no mar, no mar
No mar eu vim buscar
No mar, no mar, no mar minha sereia
Ela é sereia*

² Doutoranda e Mestra em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista CAPES. Pesquisadora do Observatório das Metrôpoles núcleo RMBH. Pesquisadora do Centro de Estudos Urbanos (CEURB) da UFMG. Editora-chefe Adjunta da Revista Foz. Editora da Revista de Ciências do Estado. E-mail: helenacarvalho9@gmail.com. Orcid: 0000-0003-0883-4264.



Manguinhos, Lara Sartorio, 2020

Despertar antes do sol e se fazer pequeno, como sombra contrastada com a luz pouca, até desaparecer na linha do horizonte. Os trabalhadores da água e do sol protagonizam o tempo da invisibilidade, fiéis aos comandos da natureza. "O mar é quem comanda", e a ele os elementos do todo se conectam e atravessam gerações em forma de conhecimento compartilhado entre os pescadores. Tão solitário quanto coletivo, o pescador que vai só ao encontro dos mistérios das águas, é também aquele que aprendeu por observação e escuta meio à comunidade pesqueira. A pedagogia se dava pelos olhares dos mais velhos, segundo Clenaldo, 69 anos. Antes, entendia-se de tudo que é necessário para a pesca: construía as canoas e remos, tiravam das folhagens de tucum, coletadas no brejo, as linhas utilizadas para pescar, e iam para as águas em grupos de cinco nas longas canoas. Tão invisível quanto visível, o trabalhador das mãos cortadas e pele "castigada pelo sol", é a marca estética da memória e beleza na Vila de Manguinhos.

A origem de Manguinhos é pouco contada em materiais escritos, mas é social e oralmente compartilhada pelas poucas famílias nativas restantes. Conhecida pela descrição histórica de "bucólica vila de pescadores", hoje, contudo, Seu Clenaldo contabiliza que apenas sete famílias

nativas habitam a vila. É a partir das gerações de pescadores que a história de Manguinhos é contada, entendida e entoada em congo. Os "nativos" mais jovens remetem a seus tataravós e seguem vivos guardiões de memória da localidade, como Clenaldo, com seus quase 70 anos e o segundo mais antigo dos nativos com vida (e muita vida, diga-se de passagem). A memória dos antigos faz notar informações que se perderam, como da onde vieram os primeiros habitantes e exatamente em que ano começaram a ocupar a região hoje conhecida como Manguinhos. Por outro lado, é a própria riqueza desse pequeno balneário, com histórias ricas em detalhes e que abarca mudanças gritantes.

Já era noite e pude avistar Clenaldo admirando o mar, em sua caminhada noturna, protegido com máscara e indo em direção à *feira do peixe*, onde pescadores ainda limpavam seus pescados do último barco do dia, que chegou junto à noite. Pedro, meu amigo da vila e nativo de Manguinhos, o apresentou anunciando ser ele um dos mais antigos da Vila. Seu Clenaldo imediatamente respondeu que pegaram o "cara errado", já que ele não passava de quarenta anos, brincou. Com essa mesma espiritualidade, pude conectar com as doces memórias desse pescador-guardião, um apaixonado pelo mar, como ele mesmo ressalta, e por aquela Vila, antes mais verde e mais azul. Clenaldo girava no próprio eixo apontando as mudanças com saudade.

Aqui não tinha nada desse concreto, era tudo mato. Nenhuma estrada existia e as casas era feitas de palha ou barro. A gente contava nos dedos a quantidade. O mar era longe e nessa hora as tartarugas caminhavam até aqui bem perto. E guaiamum, tudo isso cheio de guaiamum. Era bom demais. A água era azul e cristalina, antes que chegassem essas indústrias. Daqui mesmo se via o fundo. Hoje, é fundo de sacolas. Mas é bom ainda.

Nos meus quase 20 anos experienciando a Vila de Manguinhos já vi muita coisa mudar. Manguinhos é, para mim, ainda que de modo menos justificado, a experiência da saudade. Ouvir Clenaldo relatar sua trajetória de vida e ver, por meio de suas palavras, uma Manguinhos que eu não conheci, é construir uma imagem nostálgica do que deixou de ser.

O dia era de pesca de qualidade, não era chicharro que a gente pescava como hoje em dia, era peixe de verdade. Saíamos antes de o sol raiar, em canoas com cinco homens no remo. Voltava com muito peixe mesmo. Aí tomava banho no rio, que era muito limpo. Era a água dele que agente usava para tudo. O resto do dia era para limpar e salgar os peixes. Você sabe que não tinha energia elétrica e era assim para manter. À noite, a comunidade reunia para tocar congo.

O congo é uma manifestação cultural da identidade capixaba, de origens negra e indígena, que envolve música, dança e religiosidade. "As cantigas tratam de devoções a santos, de assuntos

do mar, como sereias e jangadas, de mulheres e de questões cotidianas (QUINTINO, 2018). A festa da padroeira de Manguinhos, Nossa Senhora do Santana, é tradição da origem da Vila que, desde seu remoto início, conta com uma banda de Congo. Seu Clenaldo conta que o congo reunia dezenas de pessoas para homenagear a padroeira. As cantigas eram cocriados ou resistiam ao tempo, passando de geração em geração com origem desconhecida. Os instrumentos, tambores, apito e casaca, eram feitos por eles próprios. "Era couro bom que se utilizava, de boi mesmo". Lembra o pescador, fazendo distinção dos dias atuais. "Todo pescador também tocava congo, era tudo parte disso aqui". Quando fiz que gostaria de ouvi-lo cantar uma das que lembrava, não hesitou:

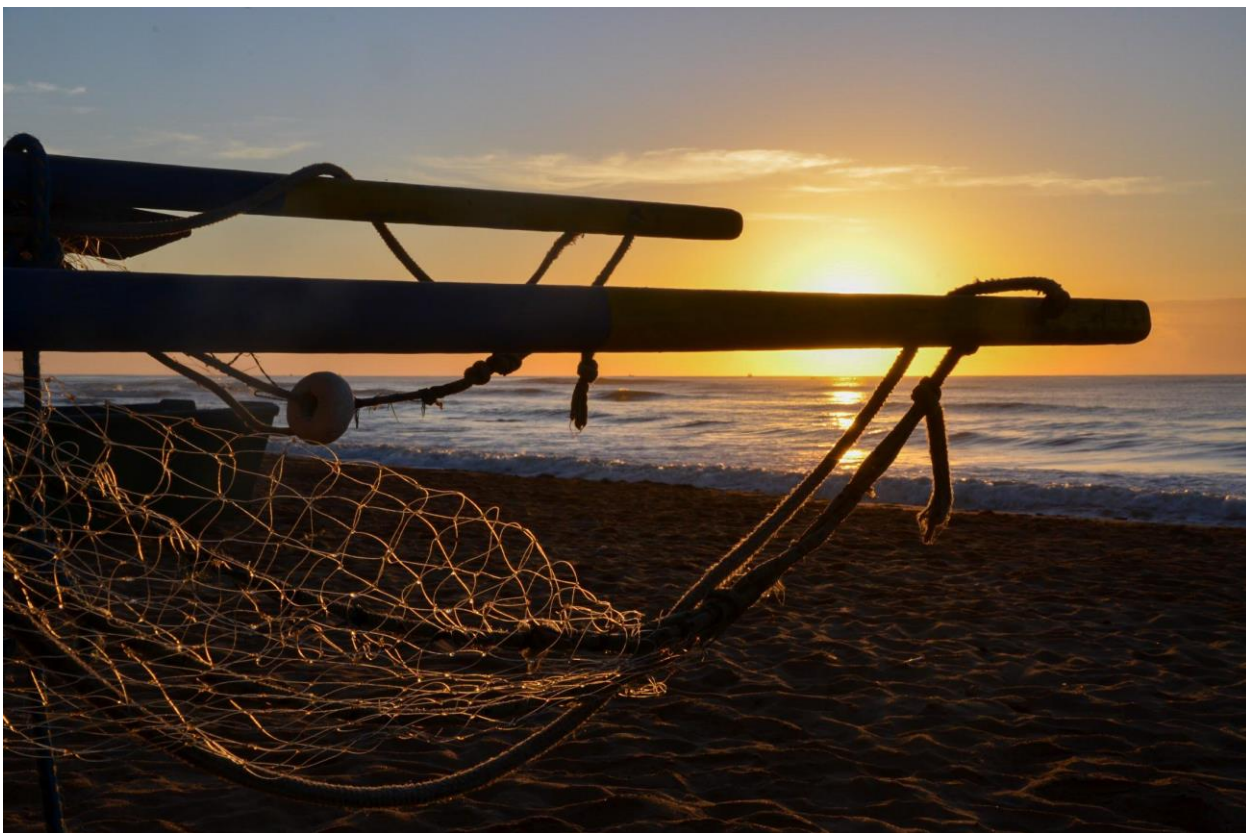
*Passei pela ponte a ponte balanceou
O mundo estava torto menina
Santo Antonio endireitou*

*Passei pela ponte a ponte estremeceu
A água tem veneno morena quem bebeu morreu
Quem bebeu morreu, aonde eu vou parar
Eu caio, eu caio, eu caio morena nas ondas do mar*

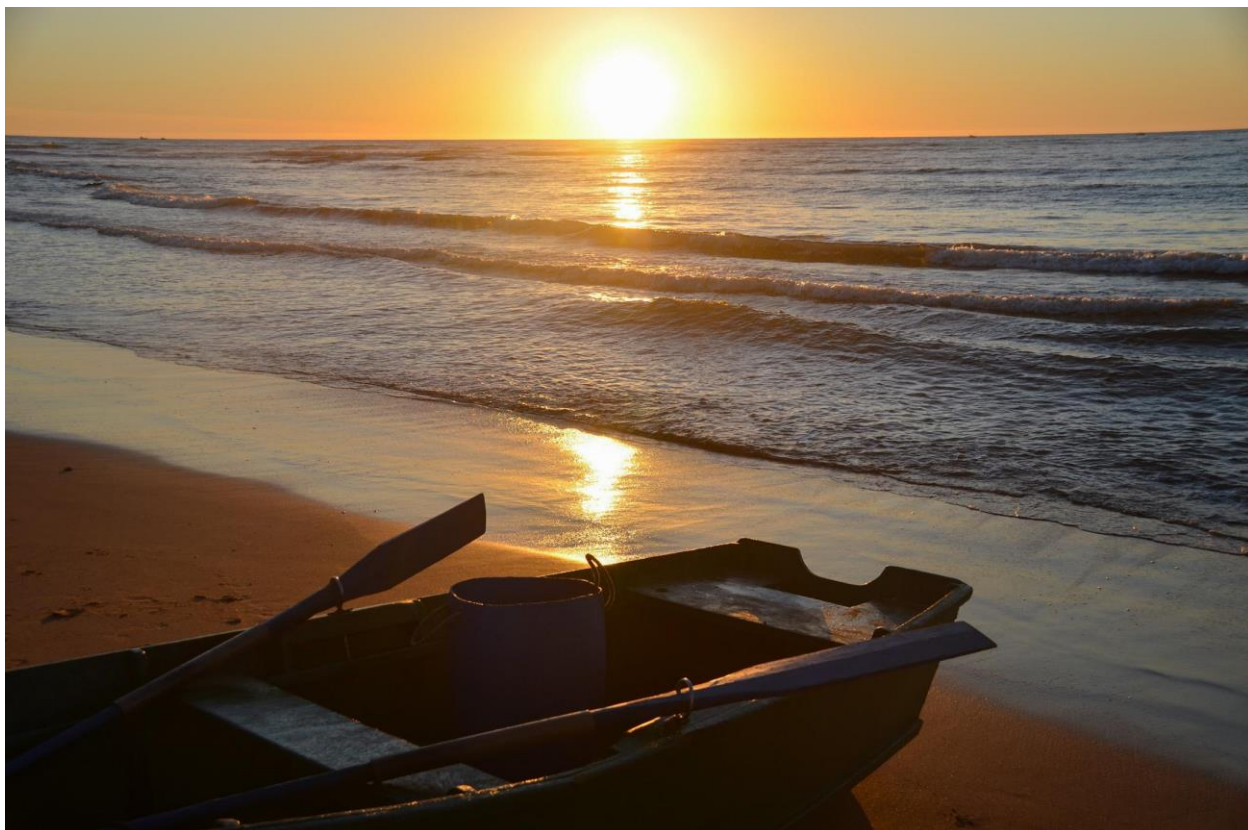
Hoje já não são todos os pescadores que tocam na banda de congo de Manguinhos, ainda que muitos dos que ali nasceram persistirem na prática e nos rituais festeiros que acontecem todos os anos. Não é de se espantar que grande parte das cantigas cantem o mar, os pescadores, religiosidade e as sereias. Há uma conexão identitária entre as rodas congueiras e vilas de pescadores e comunidades ribeirinhas no estado do Espírito Santo (MACEDO, 2015).

O mar é o grande provedor: das belezas, do alimento, da cultura, da vida que se forma ali. As mudanças no decorrer do tempo, contudo, não são somente de paisagem. Implicações muito diretas ocorrem junto com a coloração do mar. Seu Clenaldo ainda hoje pesca. Seus filhos, entretanto, seguiram outros caminhos. Ele afirma, com certa tristeza, que "Os mais jovens já não querem mais pescar porque já não dá sustento como antes". Digo com tristeza porque para os pescadores "as águas não são linhas de montagem, meros lugares de produção mercantil. São territórios fundados em laços de pertencimento" (RAMALHO; NEGREIROS, 2009, p. 278). Tão sagrado quanto o dia que volta a nascer, é a saída dos barcos mar adentro, assegurados pela relação íntima e antiga com as águas e sua breve oração de fé antes de partir.

3. Ensaio Fotográfico



Manguinhos, Lara Sartorio, 2020



Manguinhos, Lara Sartorio, 2020



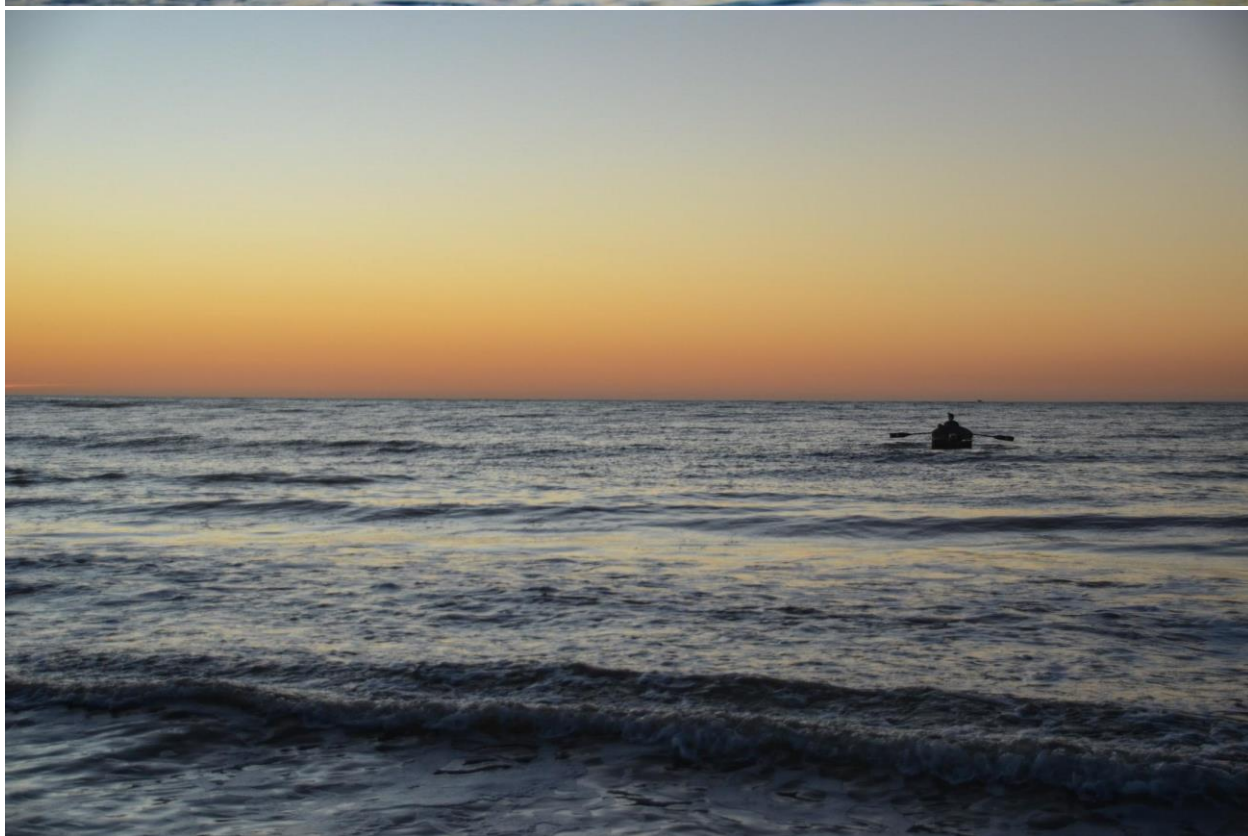
Manguinhos, Lara Sartorio, 2020



Manguinhos, Lara Sartorio, 2020



Manguinhos, Lara Sartorio, 2020



Manguinhos, Lara Sartorio, 2020

4. Bibliografia

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 2009, (5), 7-41. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

MACEDO, Inara N. Entre rios, praias e planetas: travessias do congo da Barra do Jucu. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

QUINTINO, Isabel Cristina de Araújo. O Congo Capixaba como Patrimônio Imaterial: As Festas de São Benedito na Serra e as Bandas de Congo. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2018. p. Orientador: Nilson Moraes.

RAMALHO, C. W. N.; NEGREIROS, E. B. Dinâmicas societárias, ação política e usos territoriais: unidades de conservação e pesca artesanal. In: SILVA, A. G.; CAVALCANTI, J. S. B.; WANDERLEY, M. N. B. (Orgs.). **Diversificação dos espaços rurais e dinâmicas territoriais**. João Pessoa: Zarinha, 2009. p. 253-284.

Data do envio: 31 de julho de 2020

Data do aceite: 25 de agosto de 2020

Data da publicação em ahead of print: 17 de setembro de 2020

Como citar:

GONÇALVES, Lara Sartorio. História (e cantiga) de pescador: trabalhadores da água e do sol em Manguinhos. Apresentação Helena Carvalho Coelho. **Revista Científica Foz**, São Mateus, Espírito Santo, v.3 n.1, p. 59-70, jan./jul. 2020. ISSN 2594-8849. Disponível em: <https://revista.ivc.br/index.php/revistafoz/article/view/178/81>. Acesso em: _____